

A PESQUISA EM MUSICOTERAPIA NO CENÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

Mariane N. Oselame

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Psicologia – Ênfase em Saúde Comunitária – sob orientação do
Prof^a. Dr^a. Fernanda Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, agosto/2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialmente ao curso de Especialização em Saúde Comunitária por me auxiliar a discernir o que é conveniente e principalmente, o que não quero para minha vida profissional e acadêmica.

Agradeço imensamente e carinhosamente à Professora Fernanda Carvalho, um exemplo e a prova que humildade e ternura andam de mãos dadas e são grandes parceiras da audácia, eficiência e competência.

A mim, por finalmente ter concluído!

“Descontruir saberes e reestabelecer nossa ligação com a surpresa, com o inesperado é tarefa de uma educação para formar cidadãos inquietos, questionadores, vivazes e criativos... ‘Cidadãos problema’ capazes de sacudir seu mundo” (Rodrigo Silva)

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo.....	5
Capítulo I	
Introdução	6
Capítulo II	
Método	10
Capítulo III	
3.1 Resultados	11
3.2 Discussão.....	12
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	17
Referências.....	18

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1	
Total de Material por Base de Dados.....	11
Tabela 2	
Método Utilizado.....	11
Tabela 3	
Áreas de Atuação.....	12

RESUMO

A partir de uma rápida análise do estado da arte sobre pesquisa em musicoterapia, realizada para confecção da monografia do Curso de Especialização em Saúde Comunitária do Instituto de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, surgiu a necessidade de se pensar os rumos da pesquisa em musicoterapia no Brasil. O objetivo desse estudo foi, através de uma pesquisa em seis relevantes bases de dados acadêmicas nacionais, traçar um panorama das pesquisas em musicoterapia no cenário social. No total, foram analisados 108 resumos. Os dados demonstraram um crescimento no número de publicações na área, com a mudança de um viés quantitativo para o qualitativo. Ressalta-se que essas publicações não representaram a diversidade de áreas de atuação da musicoterapia.

Palavras-Chave: Pesquisa, Musicoterapia, Cenário Social.

ABSTRACT

From a quick analysis about music therapy research, carried out to prepare for the monograph project of the specialization in Community Health at the Institute of Developmental Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul, the need arose to think about the direction of research in music therapy in Brazil. The aim of this study was through a survey of six relevant national academic databases, give an overview of research in music therapy on the social scene. One hundred and eight abstract were analysed. The data has shown an increase in the number of publications in the area, changing them from a quantitative to the qualitative bias. And also, that these publications do not represent the diversity of practice areas of music therapy.

Keywords: Research, Music Therapy, Social Scene.

“É preciso resgatar o contato com o imperfeito, com inacabado, com a sombra, com o caos e com o constante movimento de busca, de sonho. Disso emerge o movimento, a transformação, a criação” (Rodrigo Silva)

CAPÍTULO I: Introdução

Examinando a história das pesquisas em musicoterapia, identifica-se a predominância dos âmbitos clínico e quantitativo. Agregado a isso, através de pesquisas foi possível perceber que as mesmas, em boa parte dos casos, não representavam a realidade profissional da época. Emanando a partir dessa discussão a necessidade de estabelecer um diálogo entre a pesquisa e a prática musicoterápica, de forma a seguirem um mesmo caminho. Como uma disciplina da saúde a musicoterapia deparou-se com outros campos de atuação, que ultrapassavam a clínica passando para um contexto social mais amplo.

Bem como a prática, a pesquisa em musicoterapia teceu novos rumos se abrindo para uma demanda que surgia. Refletindo sobre a questão do papel do pesquisador em Musicoterapia no âmbito das ciências humanas percebe-se que o método quantitativo, derivado do pensamento cartesiano moderno, foi um grande expoente nas pesquisas em ciências humanas, mas torna-se necessária a utilização de uma abordagem, que esteja aberta e aceite a desordem e a incerteza, como parte do processo de construção científica. A realidade estudada passa a ser considerada como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico, experienciado e descrito por um pesquisador a partir do seu ato de observar (FERREIRA, et al, 2002).

A atualidade depara-se com uma série de corolários, provindos de diversas teorias, todas originadas de um paradigma. A todo o momento percebe-se o mundo por meio dele. Paradigmas funcionam como filtros que selecionam o que reconhecer e que leva a recusar e distorcer os dados que não combinam com as expectativas por eles criadas (CAPRA, 1988). Segundo Capra (*idem*) paradigma é “a totalidade de pensamentos, percepções, e valores que formam uma determinada visão de realidade, que é a base do modo como uma sociedade se organiza, no caso, como o faz a comunidade científica” (p 17). A forma como se percebe e se atua no mundo, a regras de ver o mundo.

Vasconcellos (2002) defende que a mudança de um paradigma é um processo lento, que ocorre “por meio de vivências, de experiências, de evidências que nos

coloquem frente à frente como os limites de nosso paradigma atual” (p 35). Para a complexidade do mundo científico contemporâneo “todas as coisas são ajudadas e ajudantes, todas as coisas são mediatas e imediatas, e todas estão ligadas entre si por um laço que conecta umas às outras, inclusive as mais distanciadas” (MORIN, 1996, p 274). Leva-se em consideração a mistura de disciplinas que existe em cada área do saber. “As práticas de interação não se dão apenas entre dimensões de saberes com status acadêmicos, mas também fortemente com o campo expressivo da arte e com os saberes populares, mesmo que de forma contraditória e paradoxal” (VASCONCELOS, 2002). Na construção de determinado conhecimento, múltiplas conexões intelectuais são feitas e se perpetuam em novas conexões que buscam novas respostas para a ciência. Outro fator que contribui para a multiplicidade conectada é a interpretação que sofre determinado conhecimento por parte de cada ator social, que atribui a este um sentido diferente adaptando o seu uso, dentro de sua concepção. (PEDRO & NOBRE, 2002).

Para Eduardo Mourão Vasconcelos (2002) a perspectiva da complexidade implica incentivar a recuperação da complexidade do objeto e do autoconhecimento dos pesquisadores, bem como o reconhecimento e o desenvolvimento das diversas dimensões e aptidões da vida na população em estudo. Isso implica também na valorização dessas dimensões nos pesquisadores que são os responsáveis mais diretos pelo estímulo desse processo junto ao grupo de estudo.

Essa nova demanda propõe a autonomia de grupos e uma reinvenção da realidade que não mais se limita à concepção de assistência tradicional. Essa prática possibilitou desenvolver pesquisas que contemplam o paradigma de Complexidade, abrindo espaço diante as teorias comportamentais que por um tempo regeram as pesquisas em musicoterapia. Gaston (*in* PIAZZETTA, 2006) aponta o desenvolvimento da musicoterapia em três momentos: o poder da Música; a relação terapêutica; e a busca pelo equilíbrio entre o poder da Música e a relação terapêutica. Nessas etapas foram acontecendo pesquisas, uma vez que a construção da musicoterapia se dá a partir de uma inter-relação entre teoria, pesquisa e prática clínica. Os três momentos de desenvolvimento da musicoterapia apresentados aconteceram em função do diálogo que a musicoterapia estabelece com a Ciência. Tanto a história da prática como da pesquisa em musicoterapia no Brasil, iniciaram-se na área clínica utilizando como aporte teórico-metodológico o paradigma quantitativo. Da mesma maneira que tantas outras disciplinas, a musicoterapia também foi convidada a explorar outros campos e atender

demandas diversas. Estudos experimentais que utilizam ensaios clínicos randomizados no estudo da cultura são pouco desenvolvidos. A cultura é complexa demais para ser controlada por variáveis, não podendo ser os dados coletados e analisados em laboratório (KENNY, 2006).

Musicoterapia é uma área diversificada e a pesquisa em musicoterapia reflete essa diversidade. Muitos métodos e abordagens são utilizados para apresentar essas várias facetas da prática e teoria da musicoterapia. A pesquisa em musicoterapia tem crescido e mudado ao longo dos anos e esse crescimento também é visto pelo aumento de jornais e periódicos específicos da área. Segundo Jane Edwards (in WHEELER, 2005) o número de periódicos de musicoterapia de língua inglesa passaram de um, na década de 70, para seis nos anos 90. Isso sem mencionar a publicação de livros específicos sobre pesquisa em musicoterapia: *Multiple Perspectives: A Guide to Qualitative Research in Music Therapy* (Smeijsters), *Music Therapy Research: Quantitative and Qualitative Perspectives – First Edition* (Bárbara Wheeler em 1995); *Music Therapy Research – Second Edition* (Barbara Wheeler em 2005); *Qualitative Inquiries in Music Therapy: A Monograph Series*, e *Qualitative Music Therapy Research: Beginning Dialogues* (Langenberg, Frömmer & Aigen).

A partir do trabalho da Comissão de Levantamento de Pesquisa da UBAM-CLP-UBAM/20003 verificou-se que o Brasil possuía três musicoterapeutas mestres em musicoterapia, e três doutores, sendo dois em musicoterapia. Entre essas, havia um título de notório saber em Musicoterapia, conferido em março de 2003, pela Universidade Federal do Paraná, à Professora Clotilde Leining (PIAZZETTA, 2006). Doutorados em andamento eram seis; musicoterapeutas mestres em outras áreas já eram vinte. Uma linha de pesquisa oferecida pelo Programa de Mestrado em Música da Universidade Federal de Goiás denominada: *Musicoterapia: Convergências e Aplicabilidades* chamava a atenção. Tudo isso acontecendo mais no âmbito acadêmico de Programas de Pós Graduação (Mestrado e Doutorado), nas áreas da Música, Neurociência, Educação, Psicologia, Ciências Sociais, Comunicação e Semiótica.

De acordo com os dados apresentados pelo Grupo de Trabalho em Musicoterapia do XIX Congresso da ANPPOM- Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música- 2009 (ZANINI et al, 2010), esse número mudou consideravelmente, passando para trinta, o número de doutores e doutorandos que vinculam suas pesquisas ao tema musicoterapia e cerca de trinta mestres e mestrandos.

A partir de uma rápida análise do estado da arte sobre pesquisa em musicoterapia, realizado para confecção do projeto de pesquisa de monografia do curso de Especialização em Saúde Comunitária do Instituto de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, surgiu a necessidade de se pensar quais os rumos da pesquisa em musicoterapia no Brasil. No Brasil, as pesquisas em musicoterapia voltadas às ciências humanas e sociais ainda se mostram tímidas, por isso a urgência que se possibilitem espaços de reflexão para que essas questões sejam apresentadas. Esse estudo objetivou fazer um levantamento do panorama nacional de pesquisas em musicoterapia entre os anos de 2006 e 2011 em periódicos nacionais.

CAPÍTULO II: Método

Realizou-se uma pesquisa nas bases de dados nacionais mais relevantes para as disciplinas de ciências sociais, psicologia e musicoterapia; que contemplavam a produção de pesquisa em musicoterapia entre os anos de 2006 e 2011. Foram utilizadas as seguintes bases de dados: 1) bases voltadas à Psicologia: Scielo, Lilacs e Idexpsi; 2) bases direcionadas à Musicoterapia: Revista Brasileira de Musicoterapia e Revista do Núcleo de Ensino e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, 3) Banco de Teses e Dissertações da Capes. No total, foram consultadas as seis bases que apresentam os maiores fatores de impacto nas áreas. Primeiramente foram pesquisados resumos indexados com a palavra-chave: “musicoterapia”, objetivando traçar um breve histórico sobre essa temática. Posteriormente, foram analisados resumos que abordavam “pesquisa em musicoterapia”, visando compreender semelhanças e diferenças conceituais.

O conjunto de resumos lido foi tratado como uma amostra do universo de publicações nessas bases, com a visão de como se distribui a pesquisa em musicoterapia. As publicações não foram lidas na íntegra. Excluíram-se os resumos fora do período preestabelecido e também aqueles que foram captados em duplicata. Além disso, foram excluídos os registros que não apresentavam o resumo completo.

CAPÍTULO III

3.1 Resultados

No total, foram encontrados 124 resumos, sendo 48 de artigos, 57 de dissertações de mestrado e teses de doutorado, com as palavras-chave “musicoterapia” e “pesquisa em musicoterapia”. Além disso, 6 registros não apresentavam resumo e 10 estavam duplicados, sendo então excluídos. Dos 108 artigos utilizados, apenas um se tratava especificamente de pesquisa em musicoterapia, os demais se referiram a temas vinculados à musicoterapia. A Tabela 1 apresenta as distribuições dos resumos, conforme as bases de dados.

Tabela 1

Total de Material por Base de Dados

Base	Total N=124 (100%)
Lilacs	45 (36.3%)
Revista Brasileira de Musicoterapia	36 (29%)
Banco de Teses e Dissertações da Capes	28 (22.4%)
Revista NEPIM	7 (5.6%)
SciELO	5 (4%)
Indexpsi	3 (2,4%)

Analisaram-se também os métodos dos estudos encontrados, os quais são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Método Utilizado

Método	Total N=108 (100%)
Qualitativa	25 (23%)
Quantitativa	12 (11%)
Quali/Quanti	5 (5%)
Não estava claro	58 (54%)
Revisão Bibliográfica	5 (5%)

Por fim, examinaram-se os resumos a partir das áreas de investigação. A Tabela 3 apresenta essa distribuição.

Tabela 3
Por Área de Atuação

Área	Total N=108 (100%)
Clínica	24 (22%)
Reabilitação	22 (21%)
Hospitalar	22 (21%)
Saúde Mental	7 (7%)
Educação Especial	5 (5%)
Música	5 (5%)
Inserção Política	4 (4%)
Social	4 (4%)
Educação Musical	3 (3%)
Organizacional	2 (2%)
Outros temas	2 (2%)
Pesquisa	1 (1%)

Salienta-se que na área social foram abordados os temas: atuação da Musicoterapia na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde, atuação com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, Musicoterapia Comunitária e atuação da Musicoterapia com uma comunidade albergada.

3.2 Discussão

O levantamento de estudos realizados dentro do tema Pesquisa em Musicoterapia em periódicos nacionais (2006 a 2011) demonstrou o crescimento no número de publicações na área, a migração desses estudos de um viés quantitativo para o qualitativo, sendo que também evidenciou que as publicações não representam a diversidade de áreas de atuação da musicoterapia.

Juntamente com a prática e a teoria, a pesquisa é um aspecto importante para a Musicoterapia enquanto disciplina. Vários trabalhos sobre a atenção dada pelos musicoterapeutas clínicos para a pesquisa, todos eles realizados na década de 80, encontraram que esses profissionais avaliavam o conhecimento da literatura de pesquisa como de pouca importância, ou que as pesquisas publicadas não eram relevantes para sua atuação ((WHEELER, 2005)).

Estudos posteriores revelaram que isso se dava possivelmente porque as pesquisas realizadas não tratavam da realidade profissional daqueles clínicos (idem). Kenny (1998) sugere que o bom musicoterapeuta pode também ser um bom pesquisador

na sua área de atuação, uma vez que possui habilidades para perceber aquele contexto de forma mais apurada.

As publicações internacionais, segundo Wheeler (2005), têm mostrado os diversos campos e interfaces que a musicoterapia vem construindo. No Brasil, muitos eventos nacionais e regionais de Musicoterapia têm abordado a temática da pesquisa. Os Encontros Nacionais de Pesquisa em Musicoterapia ENPEMT, confirmam que a pesquisa em Musicoterapia no Brasil está em movimento. No ano de 2000, Porto Alegre/RS sediou o X Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e I Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Nesse momento, foi realizado o I Levantamento Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e o resultado desse estudo revelou que muitos trabalhos tidos por seus autores como de pesquisa, na realidade, continham fragilidades metodológicas a partir do referencial adotado e, a partir disso, atentou-se para a necessidade do rigor teórico-metodológico das pesquisas que estavam sendo produzidas (PIAZZETTA, 2006). Outro grande fato que mostra esse movimento com relação às pesquisas em musicoterapia no Brasil foi a criação, pela União Brasileira de Musicoterapia (UBAM), em 1996 da Revista Brasileira de Musicoterapia. Ainda, o Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (Nepim) foi formado em 2008 por professores musicoterapeutas da Faculdade de Artes do Paraná com o objetivo de estudar temas referentes à prática e à teoria da musicoterapia. Em 2010, fruto de trabalhos e discussões, foi lançado o primeiro número da Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Musicoterapia.

Assim como tantas outras, a Musicoterapia se abriu para novos espaços, transpassando os contextos convencionais. Esta disciplina está, mais do que nunca, se voltando a questões de âmbito social, valorizando que “o sujeito é parte de sua comunidade, e essa comunidade é cultural naturalmente” (STIGE, 2002). Sentiu-se a necessidade de estabelecer a musicoterapia como algo que poderia se encontrar com as necessidades sociológicas e culturais dos clientes. Isto significou que os terapeutas poderiam se ver também como trabalhadores culturais, repensando a atuação da Musicoterapia e aproximando-se mais da comunidade.

Pesquisas quantitativas, pelos dados apresentados, já não são tão preponderantes, cedendo lugar às pesquisas de abordagem qualitativa, que estão tomando cada vez mais espaço, mantendo o rigor metodológico. A difusão da pesquisa qualitativa modificou a perspectiva de muitos musicoterapeutas em relação aos métodos e técnicas adotados no estudo dos seus objetos de investigação (SANTOS, 2004). Durante o V Encontro

Nacional de Pesquisa em Musicoterapia realizado em 2004, Marco Antônio Carvalho Santos problematizou o modelo experimental e quantitativo, que por muito tempo foi identificado pelos musicoterapeutas como o modelo de pesquisa vigente.

“Um viés positivista se expressava em expectativas de “provar”, através da pesquisa, o potencial da musicoterapia e os efeitos da música e do som. Ao lado dessa visão, uma afirmação da sensibilidade como o verdadeiro caminho da terapia colocava o esforço de reflexão e sistematização teórica sob suspeita de constituir-se numa “defesa” que impedia o contato do terapeuta com os sentimentos (o seus próprios e os do paciente)” (p 1).

Embora a tese de doutorado de Carolyn Kenny tenha sido a primeira a abraçar uma postura qualitativa (RYKOV, 2002), Ken Aigen compartilhou da frustração de alguns profissionais, por se deparar com as limitações inerentes à prática e à pesquisa em musicoterapia, pela legitimidade das mesmas estarem confinadas à terapia comportamental prevalecente e às normas de pesquisa positivista da época. Aigen em sua tese de doutorado propôs que a pesquisa surgisse a partir da prática do profissional. Esta perspectiva inclui a experiência subjetiva do terapeuta como essencial para a compreensão do processo terapêutico do cliente, e dá ao cliente a voz no relatório de pesquisa. Claramente, uma agenda de pesquisa qualitativa foi emergente. Em meio a círculos de pesquisa que Aigen e Kenny conviveram, essa busca foi considerada controversa. Posteriormente, porém, a voz da pesquisa qualitativa dentro de musicoterapia tornou-se alta e forte (WHEELER, 2005).

Outra mudança significativa que pode ser observada é a percepção de que estudo e pesquisa são práticas sociais, são produtos de interações sociais como, aliás, é a própria música. Isso significa que a figura do pesquisador solitário que realiza o seu trabalho isolado dos demais se torna, cada vez mais, um anacronismo (SANTOS, 2004). As pesquisas na área social e saúde seguem avançando e, como um campo da saúde, é importante que as pesquisas em musicoterapia possam atender à demanda de complexidade existente. Essas demandas propõem dar voz e favorecem a participação ativa da clientela dos serviços ou dos informantes da pesquisa, para que reafirmem a complexidade de suas realidades e suas avaliações sobre assistência, bem como para constituírem ou indicarem junto com os trabalhadores ou pesquisadores dispositivos de reinvenção da vida que não se limitem à concepção de assistência convencional (VASCONCELOS, 2002). No presente estudo, ficou evidente que as pesquisas nacionais ainda não se apropriaram de forma consistente dessa demanda social,

mantendo seu foco nas áreas de atuação de uma clínica tradicional, bem como na área hospitalar e de reabilitação, que também possuem lugares cativos no campo de pesquisa musicoterápica. Áreas como Organizacional, Social e Educação ainda se mostram como produções tímidas, mas já consideráveis. Segundo Wheeler (2005) é necessário abordar a diversidade das práticas, da investigação e da complexidade da pesquisa em musicoterapia, inclusive de áreas tangentes.

A musicoterapia tradicional foi praticada no contexto individual melhor que no comunitário e dentro dos confines dos quartos terapêuticos melhor do que em contextos sociais mais amplos. “Os clientes são indivíduos únicos, mas eles também pertencem a uma comunidade” (CUTIS & MERCADO, 2004). O bem estar é experimentado individualmente, mas é afetado também por fatores socioculturais. Adicionalmente o bem estar articula-se no lugar de um indivíduo dentro de sua comunidade. Os musicoterapeutas trabalham com os indivíduos dentro do contexto da terapia, mas trabalham também com os indivíduos dentro do contexto de sua comunidade. Trabalham para realizar a mudança pessoal, mas estão encontrando-se também desafiados para realizar a mudança social. “Comunidade não é apenas um local para se trabalhar em, mas também para se trabalhar com¹” (KENNY & STIGE, 2002, p 10).

Bruscia denominou Musicoterapia Ecológica a área de atuação específica na comunidade, área onde "muitas de suas práticas ainda não foram identificadas, contextualizadas ou mesmo desenvolvidas" (BRUSCIA, 2000, p 238). Ainda traz que o conceito de “terapia ecológica deriva-se da teoria sistêmica em que todas as entidades são vistas como inextrincavelmente vinculadas entre si com vários níveis de influência recíproca” (KENNY, 1985, *in* BRUSCIA 2000, p 237). A área ecológica de prática inclui todas as aplicações da música e da musicoterapia em que o foco primário é promover a saúde em e entre os vários estratos sócio-culturais da comunidade e/ou do ambiente físico. A intervenção se dá na comunidade, o cliente é a comunidade.

A Musicoterapia Comunitária redefine a musicoterapia como um processo de trabalhar o musical com o contexto dos povos. Reconhece que a comunidade está no coração da vida e do bem estar individuais, e da musicoterapia. Reflete uma mudança dramática na mesma. “O território da prática musicoterápica não está apenas crescendo, mas mudando e mudando rapidamente²” (STIGE, 2002, p 315). A Musicoterapia

1 "Community is not only a context to work in; it is also a context to work with".

2 "The territory [of music therapy practice] is not only growing, it is changing and changing rapidly"

Comunitária se dá nos meios originais de dirigir-se ao indivíduo como um membro do grupo, como um membro da comunidade e como um participante ativo da sociedade. É de grande importância ver o cliente como um indivíduo cultural na comunidade. O objetivo é ajudar o cliente a alcançar uma variedade de situações musicais, e acompanhá-las para que se movam entre “a terapia” e contextos sociais mais amplos do fazer musical. Mesmo quando o terapeuta trabalha para facilitar mudanças no indivíduo, entende-se que tal mudança efetuará a mudança no meio e vice-versa. O discurso é frequentemente social e político, ajustando uma agenda para o trabalho com grupos sociais definidos que sofrem marginalização. O indivíduo é uma pessoa no contexto, com ele, os elementos culturais internalizados. O trajeto humano individualmente atravessa assim a cultura e o coletivo.

Entende-se a pesquisa acadêmica como uma eficaz ferramenta para a promoção de mudança social. As pesquisas participativas buscam investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (AGUIAR, 2003; ROCHA, 2001). Aprofunda-se na ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e ampliam-se as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que se propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social.

“As sociedades humanas toleram uma grande porção de desordem; um aspecto dessa desordem é o que chamamos liberdade de criação e invenção, pois toda invenção e toda criação se apresentam inevitavelmente aqui como um desvio de um erro com respeito ao sistema previamente estabelecido. Observa-se como é necessário pensar a complexidade de base de toda realidade vivente” (MORIN, 1996, p 279).

CAPÍTULO IV: Considerações Finais

Como aludido anteriormente, a pesquisa em musicoterapia delineou-se basicamente no pensar clínico tradicional, adotando uma metodologia quantitativa. A partir do momento que as lacunas existentes são detectadas, é possível estabelecer um diálogo entre a pesquisa qualitativa em musicoterapia, prática social e a perspectiva de complexidade e interdisciplinaridade. Mesmo timidamente, outras áreas estão ganhando força e destaque no âmbito das publicações. Santos (2004) reconhece que a formação em outras áreas traz benefícios em termos de intercâmbio interdisciplinar, mas aponta o fato de não haver um programa de pós graduação específico em musicoterapia pode limitar o desenvolvimento de centros e grupos permanentes de pesquisa nas universidades. Ao mesmo tempo, isso “faz com que os musicoterapeutas recebam orientação de especialistas que nem sempre podem dar conta de questões importantes para área” (p 5). Por um lado, entende-se que a musicoterapia deva continuar buscando que a formação do musicoterapeuta se dê principalmente no espaço delimitado da disciplina. Mesmo assim, cabe salientar que esse fenômeno também abre portas para que a musicoterapia problematize e amplie a própria prática. Acredita-se que isso de certa forma empodere as publicações sobre musicoterapia e suas possibilidades de atuação nos mais diversos circuitos teóricos.

A pesquisa, bem como prática e a teoria, é um aspecto relevante para a disciplina Musicoterapia, podendo transformar-se em uma eficaz ferramenta para a promoção de transformação social. A problematização dos rumos da pesquisa em musicoterapia no Brasil é de suma importância e sempre será recente, uma vez que as áreas de atuação e teorias estão em constante movimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, K. F. & ROCHA, M. L. **Ligações Perigosas e Alianças Insurgentes.** Subjetividades e Movimentos Urbanos. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia.** (M. V. F. Conde Trad.) 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CANOLETTI, B. **Trabalho em equipe de saúde e de enfermagem: análise sistemática da literatura.** 2008. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAPRA, F. **Sabedoria incomum.** São Paulo: Cultrix, 1988.

CHAGAS, M. **Musicoterapia e Comunidade.** Retirado em 30/09/2006 de <http://www.artesdecura.com.br/revista/musicoterapia/mt_e_comunidade2.pdf#search=%22musicoterapia%20comunitaria%20argentina%22>.

CURTIS, S.L. & MERCADO, C.S. Community Music Therapy for Citizens with Developmental Disabilities. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, v 4, n 3, 2004.

FERREIRA, F. R. et all. Caminhos da Pesquisa e a Contemporaneidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** v 15, n 2, p 243-250, 2002.

KENNY, C. Embracing complexity: The creation of a comprehensive research culture in music therapy. **Journal of Music Therapy**, v 35, n 3, p 201-217, 1998.

KENNY, C. A World Forum for Music Therapy. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, v 6, n 2, 2006.

KENNY, C. & STIGE, B. (Eds.). **Contemporary Voices in Music Therapy: Communication, Culture, and Community.** Oslo: Unipub Forlag, 2002.

MARCONI M. & LAKATOS E, M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, S. H. H. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, 2004.

MORIN, E. Epistemologia da Complexidade *in* Schnitman, D. F. (org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.

PAULON, S.M & ROMAGNOLI, R.C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** V 10, n 1, 2007.

PEDRO, R.L.M.R.; NOBRE, A. C. J. Dos Sólidos às Redes: Algumas Questões sobre a Produção de Conhecimento na Atualidade. **Documenta** n 12/13, 2001-2002.

PIAZZETTA, C. M. Contribuições da Teoria da Complexidade à construção do campo teórico da Musicoterapia. *In XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia*. 2006, Anais, Goiânia, Universidade Federal de Goiás.

_____. O Desenvolvimento da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil. *In XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia*. 2006, Anais, Goiânia, Universidade Federal de Goiás.

RYKOV, M. Writing Music Therapy. **Voices: A World Forum for Music Therapy**. v 11, n 1, 2011.

SANTOS, M. A. C. Para a Construção de uma Agenda Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. *In Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, 5º. Anais, 2004, Rio de Janeiro, Conservatório Brasileiro de Música*.

SMITH, J. A., HARRÉ, R., & Van LANGENHOVE, L. (Eds.). **Rethinking psychology**. London: Sage, 1995.

STIGE, B. **Culture-Centred Music Therapy**. Gilsum: Barcelona, 2002.

VASCONCELOS **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: Epistemologia e Metodologia Operativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WHEELER, B. **Research in Music Therapy**. Barcelona: Barcelona Publishers, 2005.